

Inspirados na arte de Picasso

LARISSA MEIRA

DA EQUIPE DO CORREIO

Pela primeira vez, a arte e o talento de ex-pichadores dos monumentos de Brasília poderão ser admirados numa exposição fora da capital federal. Telas grafitadas de 23 jovens brasileiros que integram o programa *Picasso Não Pichava* serão expostas em Belo Horizonte. A turma que viaja para a capital mineira em agosto está empolgada com a idéia de mostrar os trabalhos. Há quem já pense em se profissionalizar.

“Quero terminar logo o 2º grau e passar no vestibular para Artes Plásticas”, planeja o grafiteiro Jaime Silva, 22, o Brown. Os jovens viajarão sob o patrocínio da Embaixada da Espanha, que decidiu apoiar o projeto social criado há quatro anos pelo Governo do Distrito Federal. Jovens que antes disputavam muros e escalavam paredes de prédios e de monumentos para impor as marcas das pichações, hoje utilizam os *sprays* para criar a própria arte.

Walter de Souza Alcântara é um exemplo. Aos 13 anos, o jovem que assina suas telas como *Turko*, já pichava e fugia de flagrantes da polícia. Hoje, depois de conquistar o segundo lugar num concurso de grafiteiros no ano passado, ele virou professor no Paranoá. Ensina a arte do grafite aos novos integrantes do projeto.

“Vi amigos presos e mortos por causa de briga entre gangues de pichadores. É muito bom saber que posso crescer como artista, com o respeito da sociedade”, explica *Turko*. “Antes eu só curtia a adrenalina, mas hoje tenho técnica de coordenação motora e aperfeiçoei a noção de cores. Posso me considerar um artista”, comenta Hélio Castro Rosa, 23, o *Zumbi*.

O primeiro contato entre os ex-pichadores e o Centro Cultural Brasil Espanha foi em outubro do ano passado. Durante a mostra *Picasso Gravador*, os jovens do programa se matricularam em cursos para conhecer a vida e obra de Picasso, o artista espanhol que dá nome ao projeto dos grafiteiros. Mas as telas da exposição em Belo Horizonte não serão uma cópia do estilo cubista de Pablo Picasso. Os jovens usarão o grafite para

expressar como enxergam a obra do pintor espanhol.

“São obras contemporâneas, inovadoras, que apresentam técnicas específicas de cada jovem”, define Sandra Perez, diretora do Centro Cultural Brasil Espanha de Brasília. A embaixada pretende levar a exposição Picasso pinta Picasso a outras quatro cidades brasileiras: Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis e Recife. “A viagem amplia nossa perspectiva de divulgação do projeto. Abre horizontes para atrair mais grafiteiros”, entusiasma o ex-grafiteiro Brown.

Dinheiro escasso

A falta de recursos, no entanto, impede que mais jovens integrem o programa no DF. Cerca de 80% das oficinas do Picasso não Pichava deixaram de ser oferecidas este ano, o que provocou a saída de quase a metade dos 500 jovens inscritos. O programa ensina grafite, dança e hip hop a 230 jovens de 11 a 23 anos. Vinculado à Secretaria de Segurança Pública, o projeto recebe do GDF os materiais utilizados nas oficinas, o pagamento de pessoal e espaço nas administrações regionais do Paranoá e do Varjão.

Desde janeiro, as oficinas e palestras contam apenas com o repasse mensal de R\$ 10 mil do Banco de Brasília. Em outros anos, para completar o orçamento de R\$ 75 mil, a coordenação do programa recorria ao patrocínio de empresas por meio da *Lei Rouanet*, de incentivo à cultura. Segundo o coordenador do Picasso Não Pichava, Carlos Vogado, especula que a mudança no governo federal tenha atrasado a captação de verba na iniciativa privada. “A sobrevivência do projeto depende de repasse do GDF”.

A Terracap e a Caixa Econômica Federal negociam o repasse de R\$ 150 mil para a criação de três outros núcleos do *Picasso Não Pichava*. Atualmente as oficinas estão restritas ao Varjão e Paranoá. Carlos Vogado programa para julho a extensão do projeto para o Plano Piloto, no Parque da Cidade, Ceilândia e Guará. No mesmo mês, o programa lança o livro *Uma vida, dois mundos*, do ex-pichador Carlos Washington Chagas Correia, 27, ex-líder de uma gangue de pichadores na Ceilândia e que hoje faz palestras em escolas públicas.

Carlos Vieira



HÉLIO (C), JAIME (E) E WALTER: EMPOLGADOS COM A EXPOSIÇÃO E PLANOS DE VESTIBULAR PARA ARTES PLÁSTICAS

A SEDUÇÃO DA ARTE

Vitória sobre o ócio

Morador do Paranoá, o grafiteiro Jaime Silva, 22, é monitor, há dois anos, dos dois núcleos do *Picasso Não Pichava*. Foi convidado pelo coordenador do projeto, Carlos Vogado a conseguir mais adeptos e auxiliar nas oficinas oferecidas. Começou a pichar aos 16 anos em consequência do ócio. Nunca foi preso e garante que nunca se envolveu com drogas. Sonha em fazer faculdade de Artes Plásticas.

Pichava por adrenalina

Hélio Castro Rosa, o *Zumbi*, conclui o ensino médio num supletivo do Paranoá. Ele entrou no mundo da pichação aos 16 anos, por adrenalina. Flagrado pela polícia uma vez, conseguiu ser liberado. No projeto da Secretaria de Segurança Pública, prefere as oficinas de grafite que frequenta há seis meses. Ele planeja cursar faculdade de Desenho.

Salvo das drogas

Aos 13 anos *Turko*, apelido de Walter Alcântara, 24, pichava muros na Ceilândia. O envolvimento com gangues lhe rendeu uma passagem pela polícia e perda dos amigos, que se envolveram com drogas. Há dois anos, ensina a arte do grafite pelo Picasso Não Pichava. Foi convidado a participar do programa ao tirar a segunda colocação num concurso no Centro de Convenções. Quer fazer Artes Plásticas.